

CEDI - P.I.B.  
DATA 19, 12, 86  
COD. F4D00 430

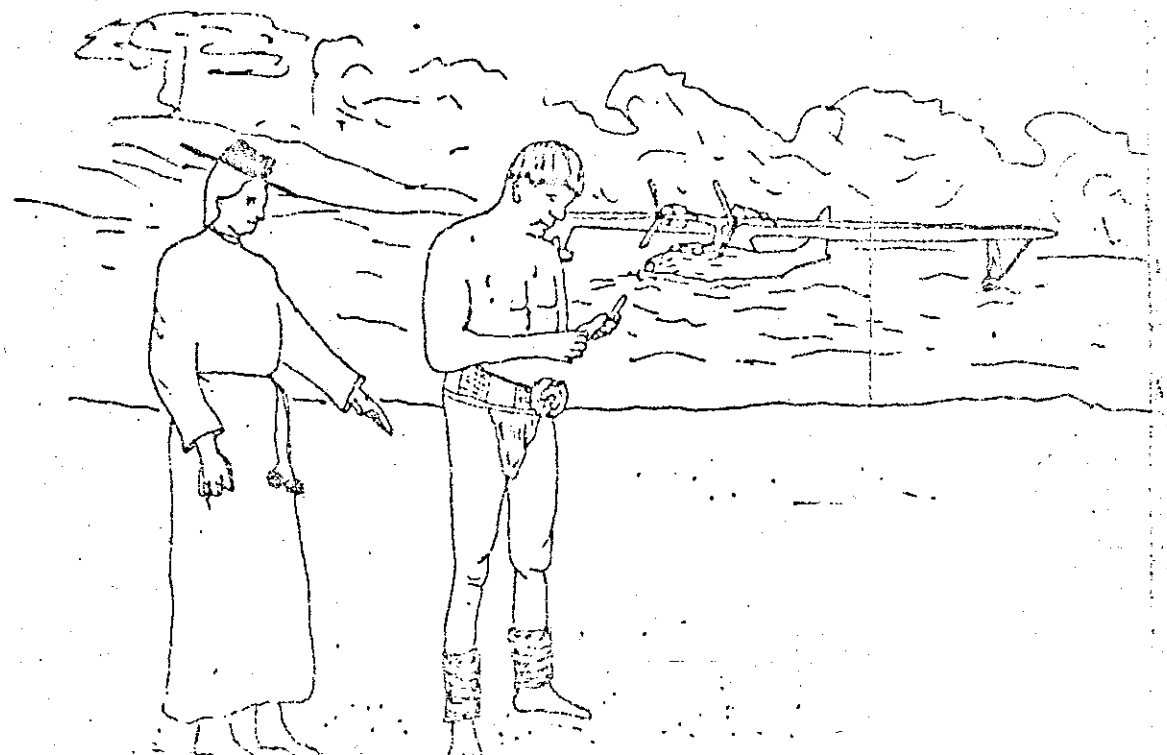
Pe. AUCIONILIO BRUZZI ALVES DA SILVA, SDB

SILVA, S.D.B., Aucionílio Bruzzi Alves : As Tribos do Uaupés  
e a Civilização Brasileira. O Método Civilizador Salesiano  
O Índio tem o direito de ser Índio ou Civilizado?



# As Tribos do Uaupés e a Civilização Brasileira

O METODO CIVILIZADOR SALESIANO  
O Índio tem o direito de  
ser Índio ou de ser Civilizado?



## APRESENTAÇÃO

A satisfação que tenho ao fazer a apresentação deste opúsculo — o que na realidade é indispensável — falando sobre o seu autor e um pouco de sua obra, me traz também uma ponta de orgulho, por ter, como brasileiro, como aviador e como pertencente à Força Aérea Brasileira, podido contribuir, presenciar, avaliar e sentir bem de perto e por muitos anos, a realidade nele tão bem descrita pelo Padre ALCIO. NILIO BRÜZZI, mais conhecido, e muito bem, no munção literário e científico, pelas obras que escreveu sob o nome de ALVES DA SILVA, seus últimos sobrenomes.

É que a Força Aérea Brasileira com a mentalidade pioneira tão bem expressa através das atividades do Correio Aéreo Nacional desde os idos de 1932, encontrou ainda na época atual, neste trabalho com os índios, na busca da integração e desenvolvimento da AMAZÔNIA, no trabalho missionário, no trabalho da FUNAI, e em outros semelhantes, o campo ideal para o prosseguimento destas atividades, agora vistas sob um aspecto muito mais profundo e importante, que é o da Segurança Nacional. Pois, na integração destas populações espalhadas nesta imensidão amazônica, no abrasileiramento dos indígenas que nela habitam, na expansão do idioma pátrio em toda a região brasileira, no reconhecimento e uso dos símbolos da Pátria em todos os recantos, no sentimento de brasilidade se estendendo mais e mais no interior e na fronteira entre todos os seus habitantes; tudo isto representa uma verdadeira Guerra de Conquista que o BRASIL está fazendo em seu próprio território. E com isto, não permitindo nem dando oportunidade para que alienígenas ou maus brasileiros, ousem, ou sequer pensem, em dividir este território, sob quaisquer pretextos, tais como, incapacidade para explorá-lo, minorias populacionais, divisão da hileia, auto.determinação de povos e outras alegações que, baseadas na ausência da influência do BRASIL, nesta imensa AMAZÔNIA que lhe pertence, queiram transformá-la num aglomerado de povos e

nações, com idiomas próprios, tradições próprias, e, quem sabe, governos próprios, como se o fazem na AFRICA da atualidade.

É nesta guerra, sem canhões e sem bombas, que estão empenhados os militares e Unidades da FAB com os seus aviões, helicópteros e meios de comunicações, os missionários, os nativos da região, as Unidades do Exército sediadas na área, os funcionários da FUNAI, os órgãos federais, estaduais e municipais, como a SUDAM, as Secretarias de Educação, Saúde e as Prefeituras.

Na FAB foi dada ênfase ao que se chamou, desde há mais de vinte anos de Trinômios de Integração, como sejam, o Trinômio FAB-Missionário-Índio e FAB-FUNAI-Índio; uma espécie de convênio tácito onde a FAB como Força Armada ajuda a quem se dedica ao aculturação, à integração e ao desenvolvimento do Índio, por que vê no resultado deste trabalho, nesta integração do Índio à civilização brasileira, o fator mais forte para a Defesa e Segurança de toda a imensa região onde o mesmo habita. É o próprio BRASIL que vai crescendo e povoando com brasileiros os seus vazios e as suas fronteiras.

Como é triste para o militar da FAB que sobrevoando a fronteira do seu país, ao pousar com o seu helicóptero numa localidade, ser mal recebido, não falar nem entender a língua dos seus patrícios que ali habitam, e encontrar num prédio destinado à instrução, o indicativo: "ESCUELA PARA NIÑOS"! Isto aconteceu em SÃO JOAQUIM, à margem do rio IÇANA. E que alegria quando um ano depois, ao pousar nesta mesma localidade, já em avião C-47, em aeródromo ali construído, ser recebido com festas, alegria e oferendas, com o tuchaua vindo recebê-lo em traje de passeio completo, inclusive gravata e botinas, num ato de consideração para com a autoridade que o visita!

Quanto de emoção para a tripulação e passageiros de um helicóptero que sobrevoa um povoado lonpinquo da AMAZONIA, ao verem um grupo de pessoas reunidas, no centro do mesmo, agitando a Bandeira Brasileira e com gestos acenando para que pousassem na localidade; e após o pouso, os ocupantes do helicóptero são convidados para hastear a mesma Bandeira ao som do Hino Nacional cantado por todos os presentes. Liderados por um ex-Índio, ex-aluno de uma Missão Salesiana e, atual professor naquele povoado indígena. Isto aconteceu no povoado CAMARAO, no rio ATARI.

São estes professores, num total superior a duzentos, a maioria índios de nascimento e educados nas Missões Salesianas que o Bispo Dom MIGUEL DALAGNA, Príncipe do Rio Negro, com o apoio dos Órgãos Federais, Estaduais e Municipais, utiliza para extinguir a mais

de uma centena de povoados, levando a educação e o ensino da língua pátria a mais de 6.000 Índios em idade escolar.

A FAB, com base nestas escolas e no trabalho que se desenvolve nestes povoados, selecionou alguns deles estrategicamente localizados, para construir aeródromos ao longo da fronteira e nas regiões isoladas, aonde a presença do Poder Central se faz sentir e possa atuar quando necessário, ao mesmo tempo que as aeronaves do Correio Aéreo Nacional da AMAZONIA apóiam a integração que ali se desenvolve. Já foram construídos aeródromos em QUERARI, SÃO JOAQUIM, ASSUNÇÃO DO IÇANA e MATURACA, estando outros em construção ou em projetos.

O Padre ACIONILIO é um soldado desta Guerra de Conquista do BRASIL que há mais de meio século os Salesianos vêm enfrentando na AMAZONIA pelo progresso do nosso País, através da humanização e da integração dos nossos patrícios que ali nasceram e ali vivem. É soldado no sentido amplo da palavra, sem posto nem graduação, pois é um lutador capaz em todas as qualificações, seja intelectual, física, material, moral ou espiritual. É um escritor, um professor, um pesquisador, um cientista, um religioso e, englobando tudo, é um missionário.

Deixou a cátedra na ITALIA e em SÃO PAULO para viver no rio UAUPES, a maior parte do tempo na missão TAPIACUA, no meio dos Índios, para melhor buscar a melhor maneira de integrá-los no nosso contexto de civilização, para livrá-los da pecha de serem chamados de Índios.

Ele nos faz entender, como bem o entendemos que a palavra INDIO, longe de expressar uma origem ou uma raça, o que englobaria naturalmente a maioria do povo brasileiro, especialmente nas cidades do Norte e do Nordeste, ela expressa unicamente uma condição social inferior, uma maneira de vida primitiva, como os favelados do RIO DE JANEIRO, os moradores dos mocambos de RECIFE, dos alagados de BELÉM, e outros semelhantes neste BRASIL agora que vivem num submundo de miséria, doença, imundície e mortalidade infantil, precisando de educação e cuidados especiais; sendo que no caso do Índio, tem de se começar pelo ensino do idioma pátrio que os outros de uma certa forma já têm algum conhecimento.

Acreditando no seu próprio trabalho e no dos seus irmãos Salesianos e demais brasileiros e, sabendo que o fruto deste trabalho é a integração, lenta ou rápida, mas inexorável, destas populações à civilização brasileira, e com isto, o esquecimento e a perda de algumas facetas culturais das línguas ainda em uso, o Padre ACIONILIO há mais de dez anos se dedica a estudar e registrar estes idiomas, antes de se desgastarem de palavras, pesquisa e dedicação que se constituirá num

marco de grande significado para a cultura brasileira. Inicialmente sozinho, depois com a ajuda da Irmã OLGA TENÓRIO e recentemente com mais a Irmã MARIA BADINE, luta o Padre ALCIONÍLIO contra o tempo, na ânsia de concluir este trabalho que ainda não vislumbra a proximidade do final, apesar das resmas de papel já escritas.

Foi neste santuário de saber que o Padre ALCIONÍLIO fez um pequeno hiato em suas pesquisas linguísticas para nos dedicar um pouco do seu saber, dos seus conhecimentos e de sua vida, nos trabalhos que a seguir são apresentados. Neles, está bem demonstrada a erudição deste missionário de 75 anos, e que surpreende a quem se acostumou a vê-lo enclausurado num salão, cercado de filó contra mosquitos, e até rede contra morcegos, vivendo como ermitão, esquecido e longe do mundo, mas de cujo cérebro gotejam as belezas destas pérolas que são os trabalhos tão autênticos, reais, leves e profundos a que denominou:

- 1 — AS TRIBOS DO UAUPÉS E A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
— O MÉTODO CIVILIZADOR SALESIANO
- 2 — O ÍNDIO TEM O DIREITO DE SER ÍNDIO OU DE SER CIVILIZADO?

Antes porém de lermos o Padre ALCIONÍLIO, para melhor compreendê-lo, vejamos um resumo de sua vida que a seguir é exposto:

P. ALCIONÍLIO BRUZZI ALVES DA SILVA, SDB.,  
filho de Antonio Alves da Silva e Cornélia Bruzzi Alves da Silva, nascido em NOVA ERA, Minas Gerais, a 10 de abril de 1903.

Fez seus estudos no Estado de São Paulo: o curso ginásial no Colégio São Manoel, em Lavrinhas, os Estudos Filosóficos na Faculdade Salesiana de Filosofia, e os Estudos Teológicos, no Instituto Teológico Internacional, Dom Bosco, em Turim (Itália), onde recebeu também sua Ordenação Sacerdotal.

Laureou-se em Direito em Roma, em 1929, na Faculdade de São Apolinário, com uma tese sobre os IMPOSTOS. Lecionou primeiramente no Ginásio São Joaquim de Lorena, S. P., e desde 1934 integrou o corpo de Professores do STUDIUM TEOLOGICUM Pio XI, de São Paulo, agregado à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE SALESIANA de Roma, como Prof. de INTRODUÇÃO AO DIREITO e DIREITO

CANÔNICO. Desde 1938 é Prof. de SOCIOLOGIA da Universidade Católica de São Paulo e, a seguir também da Universidade Católica de Campinas, SP. e da Faculdade Dom Bosco de Filosofia de Lorena.

É membro do INSTITUTO DE DIREITO SOCIAL de São Paulo, bem como do INSTITUTO HISTÓRICO e GEOGRÁFICO de São Paulo.

É autor de duas dezenas de obras, entre as quais se destacam:

INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DO DIREITO (3a. ed. publicada pela Livraria AGIR, Rio de Janeiro).

INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA (Editora Saraiva, S. Paulo).  
PRIMEIRAS NOÇÕES DE GREGO CLÁSSICO (Ed. Salesiana de Niterói, Rio de Janeiro).

GREGO CLÁSSICO NOS COLEGIOS (Ed. Salesiana de Niterói, Rio de Janeiro).

GRAMÁTICA GREGA (Editora Salesiana de Niterói, Rio de Janeiro).

NOÇÕES DE LITERATURA GREGA (Ed. Salesiana de São Paulo).

INTRODUÇÃO À QUÍMICA GERAL (Ed. Globo, Porto Alegre, RS).

FÍSICO. QUÍMICA (Ed. Globo, Porto Alegre, RS).  
(e vários outros de assunto histórico, filosófico e religioso).

Desde 1947 vem se dedicando aos estudos indigenistas, com um total de 18 anos de permanência entre as Tribos da Bacia dos rios Uaupés e Içana (Tribos do Grupo Tukano e Aruaque, próximas às fronteiras com a Colômbia e a Venezuela), de cuja CULTURA, em nome das Missões Salesianas do Rio Negro, preparou um duplo DOCUMENTÁRIO: a) uma DISCOTECA de 12 Longplayings (12 horas de som), dos quais os 4 primeiros apresentam a ARTE MUSICAL INDÍGENA (música instrumental, danças, cantos hituais, NOMOS ou cantos terapêuticos dos xamãs, cantos festivos das moças), e os outros 3 com estudo da FONÉTICA TUKANO e VOCABULÁRIOS COMPARADOS de 26 idiomas diversos na voz de membros dessas diferentes Tribos (pode-se adquirir essa DISCOTECA e o respectivo LIVRO EXPLICATIVO, bilingue, em Português e Inglês, no MUSEU DO ÍNDIO, anexo ao Patronato Santa Terezinha, Av. 7 de Setembro, 2107 — 69000 — MANAUS, Am.); b) um FILME COLORIDO, sincronizado com músicas indígenas e explicações em Português, de mais de uma hora de projeção, do-

documentando as ATIVIDADES INDÍGENAS PRIMITIVAS, que se podiam ver há 25 anos atrás (1925), especialmente nas malocas das cabeceiras, com poucas ou nenhuma relações com a Civilização.

Como fruto desses estudos, além de participar em Congressos de assunto indigenista, e mesas-redondas, no Brasil, o P. Alcionillo já teve a oportunidade de publicar:

1. "A CIVILIZAÇÃO INDÍGENA DO UAUPÉS" (Observações Etnográficas, Sociológicas e Antropológicas) — 2a. edição da LAS, ROMA (Itália);
2. "DISCOTECA ETNO-LINGUISTICO-MUSICAL" das Tribos do Uaupés, Içana e Cauaburi;
3. "OBSERVAÇÕES GRAMATICAIS DA LÍNGUA DAXSEYÉ OU TUKANO";
4. "IDIOMAS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA" (com a classificação das Tribos da sua área de estudo e um Vocabulário comparado com mais de 300 palavras usuais em 38 idiomas indígenas diversos) — VOL. bilingue, Português e Inglês, no prelo.
5. Dicionário Daxseyé (Tukano), Português (com mais de dez mil verbetes);
7. MITOLOGIA e LENDAS do Uaupés.

Tem publicado, ademais, estudos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na Revista ANTHROPOS da Alemanha, e nas publicações comemorativas do 1.º Centenário das Missões Salesianas, Roma, 1975/76.

Belém, maio de 1978

Maj Brig do Ar — PROTÁSIO LOPES DE OLIVEIRA

## AS TRIBOS DO UAUPÉS E A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Pe. Alcionillo Brizzi Alves da Silva, SDB

Os louvores mui freqüentes e entusiásticos que notáveis personagens tributavam às Missões Salesianas do Rio Negro, e ao seu Superior, Dom Pedro Massa, costumava este, numa atitude muito nobre, revertê-los aos seus Missionários que moirejavam, sacrificados e incansáveis, na faina diária com os silvícolas, e ao método muito salesiano que fora adotado. E numa confiança humilde, que muito o honrava, feita ao autor destas linhas, Dom Massa revelou que o método adotado nas Missões do Rio Negro (MSRN) se inspirava numa orientação que lhe dera o P. Pedro Dicaldone (eleito, ao depois, Reitor-mor dos Salesianos, como Sucessor do Servo de Deus, o P. Felipe Rinaldi). A saber, concentrar os seus Missionários em Comunidades educativas e de Assistência (sanitária, material, etc.) atraindo para aí os indígenas, e propiciando às crianças tanto ou mais do que recebem os filhos dos Civilizados internados em colégios ou asilos. E, periodicamente, os Missionários Itinerantes visitariam os povoados e malocas (habitação coletiva na qual vivem ainda as Tribos mais afastadas) levando aos velhos e, mais tarde, aos ex-alunos dos Centros Missionários, toda a assistência material, sanitária, e religiosa possível. E teve o ilustre Prelado (não duvidaria dizê-lo 'maior benfeitor do Estado do Amazonas'), a complacência de transcrever-nos (no original Italiano) as palavras estimulantes e orientado-

ras do P. Ricaldone, em 1951, i.e. quando já decorridos alguns anos, colhiam-se, abundantes e sazonados, os frutos do labor apostólico salesiano no Rio Negro. Lê-se nesse bilhete do saudoso Dom Massa: 'Oramai tutti devono essere convinti che "la TESI DA ME (P. Ricaldone) sostenuta e Da FE (Dom Massa) praticata AVREBBE DATO I SISULTATI DESIDERATI' (Turim, 1951, D. Pietro Ricaldoni — i.e. todos, atualmente, devem estar convencidos que 'a tese sustentada por mim, e executada por V. Excia., levaria ao resultado que almejávamos).

## INTRODUÇÃO

O Uaupés é um rio que demarca os limites entre o Brasil e a Colômbia, numa extensão de cerca de 300 Km. A Missão ou Prelazia Salesiana do Rio Negro, por 48 anos sob a inteligente e dinâmica direção do Bispo Dom Pedro Massa e, atualmente sob os desvelos apostólicos de Dom Miguel Alagna, iniciou, em 1923, um posto avançado de Civilização em plena área exclusivamente indígena, em Taracúá, sobre o rio Uaupés, próxima da cachoeira de Ipanoré, que podemos fixar como início do médio Uaupés. Vários outros Centros têm sido sucessivamente instalados, e vão animadamente prosperando, como o de Iauareté, coração da grande Tribo Taryana, sobre o rio Uaupés na fronteira colombiana; o de Parí-cachoeira, sobre o Rio Tiquilê (afluente do Uaupés) centro da grande Família de Tribos Tukano, e ainda mais distante que os dois primeiros, o de Carará-Poço, sobre o Rio Içana, na área das Tribos Arwake, e os dos Rios Cauaburi e Marulá, entre as Tribos Yanoamo.

O título que encima este rápido Relatório, parece limitar o campo da experiência civilizadora dos Missionários Salesianos. Preferimo-lo, no entanto, porque tendo sido nessa área estabelecidos os três primeiros Centros Missionários entre os indígenas, houve tempo bastante para que aparecessem os resultados felizes do Método Civilizador Salesiano, que está sendo aplicado em outras áreas de mais recente fundação, e se-lo-á nas futuras. O desenvolvimento das idéias que se lerão nestas páginas, justificará a qualificação de Brasileira que demos à Civilização implantada no noroeste amazonense, pelas Salesianas.

A escolha do local para a instalação dos Centros Missionários, parece ter sido acertada. A primeira preocupação — numa área que pertence ainda à vasta planície amazônica, com grandes extensões sujeitas a inundações, ao menos durante alguns meses do ano, é naturalmente a de escolher um sítio mais elevado, regularmente também com pitoresco panorama, e, sobretudo que seja nas vizinhanças de núcleos indígenas. A Missão de Iauareté, por exemplo, situa-se à margem esquerda do Uaupés, tendo em frente a foz do Rio Papuri (que é também delimitador da fronteira Brasil-Colômbia), podendo-se ver, na margem direita, a 300 metros de distância o posto aduaneiro colombiano. Ora, tanto abaixo como acima de Iauareté, no Uaupés, como pelo Papuri acima, há numerosos povoados indígenas de diferentes tribos. Iauareté, portanto, é uma encruzilhada fluvial, e passagem obrigatória para os ansejos indígenas uaupésinos.

O caráter de um Relatório, que tem o presente trabalho, obrigou-nos a reduzir a poucas páginas um esquema inicial, cujo desenvolvimento resultaria numa abundante monografia. Acenaremos, então, rapidamente:

- I A Receptividade Cultural das Tribos Uaupésinas, e
- II O Método Civilizador da Missão Salesiana do Rio Negro.

### I — A RECEPTIVIDADE CULTURAL DAS TRIBOS DO UAUPÉS

1. Convém de início ressaltar que muitos dos elementos da Cultura Material (habitação, utensílios domésticos, alimentação, etc.) das Tribos do Uaupés estão a revelar uma apreciável inteligência prática e bom gosto, bem como bom aproveitamento dos recursos de que dispõem. Não devem, portanto, ser desprezados, muito ao invés, devem ser conservados, aperfeiçoados e completados. Os próprios civilizados

e, em primeira linha, os Missionários Salesianos valorizam-nos, procurando e utilizando produtos da atividade indígena: remos, canoas, cerâmica, ralos, tipitís (a prensa indígena para a massa da mandioca), etc. E procuram os Missionários facilitar-lhes as primitivas e originais indústrias com os recursos da civilização, como machados facões, pregos, e até utensílios da técnica civilizada, como serras, serrotes, enxós, planas, etc.

2. Na fase de impressionante regressão cultural, em que as vamos encontrar, necessitam estas Tribos de grande assistência nossa e, em primeiro lugar, de assistência sanitária, expostos, como se acham a tantas doenças acarretadas pelo clima tropical, quente e úmido, como pela falta absoluta de higiene em que vivem (mulez. sujeira, vícios, subnutrição), quase sem aproveitar dos recursos terapêuticos, que lhes fornece a natureza circundante, em razão também dos seus conceitos mágicos sobre as doenças e seu tratamento.

3. Acham-se, no entanto, movidos por um grande desejo de se "tornarem brancos" (sirvo-me de uma expressão ouvida de lábios indígenas), i. e. de se civilizarem. Esse desejo manifesta-se não só nos grupos já em relação com os civilizados, i. e. em contacto com os Missionários (porque nessa área são os únicos representantes da civilização), e sob os cuidados deles, mas até em grupos mais afastados, e que apenas ouviram falar dos Missionários e quiçá apenas indiretamente, pelo comércio entre índio e índio, já possuem alguns objetos dos civilizados. Em nossas frequentes excursões de exploração e estudos desde 1947, temos, não sem emoção nossa, verificado uma ânsia de civilizar-se por parte daqueles indígenas, ânsia que se traduzia algumas vezes no pedido insistente que ficássemos entre eles, para lhes ensinar, ou que os levássemos para os Centros Missionários, não raro bem distantes da sua maloca, ou mesmo para as cidades do sul do Brasil.

os negociantes civilizados que procuram, de regra, tratá-los com lisura. Sabem os indígenas que podem, em qualquer eventualidade, contar com o apoio da Missão que lhes defenderá os interesses, transportá-los-á gratuitamente aos seus povoados, quando necessário, e os tratará nas doenças, ou nos seus povoados, ou nos hospitais, se o caso exigir, e algumas vezes, até em Manaus.

4. E haverá uma receptividade indígena para a Catequese Cristã, propriamente dita, isto é, para a doutrina e a vida religiosa? Estamos convictos que sim. Este ponto, mais que outros, está a pedir uma monografia. Praticamente as Tribos do Uaupés não apresentam religião alguma. E, consequentemente estão sob o peso asfixiante de crenças e práticas mágicas. Dispensa provas a vantagem de uma convivência longa, por anos, ou por uma vida inteira, com pessoas de alta cultura e elevada religiosidade e moralidade, como os Missionários. E como são de lamentar-se os inconvenientes de contactos só com caboclos, semi-índios, semi-civilizados, marginais da civilização, da moralidade e da religião, como se verifica em outras áreas do Brasil! Mas a magia e o tabuísmo vão perdendo terreno no Uaupés dia a dia, embora não com aquela rapidez que se poderia desejar. As aspirações indígenas de uma religiosidade natural vão chegando à tona na alma uaupesina, e encontra satisfação na Religião Católica que se ensina e se vive no ambiente civilizador da Missão Salesiana. É a Civilização Cristã e Brasileira que se respira a largos haustos (permitam-me que o diga), que entra suavemente por todos os poros.

## II — O PROCESSO CIVILIZADOR DA MISSÃO SALESIANA DO RIO NEGRO

1. Quiçá melhor que o termo Catequese, se deva falar de um Processo Civilizador da MSRN. Não se disseminam Missionários pelos povoados indígenas, obrigando-os a um isola-

Esses anhelos de civilização dão-lhes força e constância para atrontarem sacrifícios talvez maiores do que imaginamos nós, em razão dos seus hábitos e mentalidade. O próprio uso da roupa, mesmo que a considerassem apenas como um 'enfelte dos Brancos', representa, por certo, naquele clima e outras circunstâncias, um sacrifício não leve. E quem de nós seria capaz de aquilatar o sacrifício da criança indígena que renuncia à liberdade da sua maloca para espontaneamente (porque o pai deixa esse assunto à deliberação do filho) matricular-se no colégio da Missão no regime de internato por 8 ou 9 meses durante o ano, e anos seguidos? É evidente que o candidato atual à matrícula sente-se estimulado pelas vantagens materiais imediatas e mais remotas. Ele as vê, ele ouviu outros 'irmãos' seus de Tribo e de povoado discorrer sobre essas vantagens (ganham roupas, livros, lápis, cadernos, sabonetes e, periodicamente outros pequenos presentes; tem comida, roupa lavada, passeios, pescarias, esportes, festas e até representações teatrais e exhibições cinematográficas). No entanto o sacrifício da liberdade subsiste.

O indígena gosta de aprender um ofício (alfaiate, carpinteiro, mecânico, etc.). Ele quer adquirir uma cultura geral, vendo, ouvindo os professores, interrogando-os, aprendendo o Português e, ao depois, com a leitura, que é, ao mesmo tempo um divertimento e uma instrução. Esse ofício e essa cultura geral lhe ensejam oportunidades de viagens, que constituem sua delícia, e empregos com os Brancos. E muitas vezes os indígenas que se civilizaram (permitam-me que antecipe esta expressão para animação daqueles pobres irmãos nossos das selvas) são procurados como empregados pelos Civilizados, ou espontaneamente descem eles ao Rio Negro à procura de empregos. Já não receiam eles os Brancos. Sabem conversar com eles em Português, sabem contratar trabalho e pagamento, sabem avaliar o preço das mercadorias recebidas em pagamento, reclamar contra alguma injustiça real ou apenas suposta. E disto estão bem convencidos



mento da civilização, pondo-os quase em condições de se indianizarem e, obviamente, obrigando-os a muitas e ingentes privações.

Não parece também conveniente meio de civilizar indígenas, arrebatá-los ao seu hábitat, e enxertá-los individualmente ou em grupos mais ou menos numerosos em alguma metrópole do progresso, e deste modo cingi-los de um cinturão de civilização que os comprime e entontece.

Ou, como tem sido casos não raros, fazer surgir uma cidade industrial ou comercial nas vizinhanças de núcleos indígenas, os quais vão forcejando por manter seu ritmo e tradição de vida silvícola, recolhendo apenas as migalhas que lhes caem do banquete da civilização (como alhures o dissemos), e onde continuarão por séculos como marginais da civilização, impregando-se tão só dos vícios desta (quicá engrandecidos) e alheios às suas virtudes.

2. O método salesiano é criar no ambiente indígena e para utilidade exclusiva deles, núcleos ou centros de civilização, a que eles se vão incorporando paulatinamente, e esses núcleos irão crescendo e aperfeiçoando ano por ano, geração por geração, e tais núcleos se chamam Centros Missionários, com internato masculino, internato feminino, oficinas, hospitais, maternidade e igreja.

A Civilização, se a consideramos na sua forma mais elevada, é criação de toda a Humanidade, com a colaboração das várias gerações, nas diversas épocas. Não bastam para adquiri-la contactos esporádicos e rápidos com os Civilizados. Ela será o resultado, não de um curso intensivo de férias, mas de uma ação prolongada, mais ainda, constante, ininterrupta.

Da geração adulta indígena, do 'índio velho' (na expressão usual destas Tribos) que encontra ao iniciar a obra civilizadora, o Missionário Salesiano contenta-se de alcançar que não odeie ao Branco, que não fuja da sua companhia; antes, sinta-se atraído pelo Missionário, mais ainda, conside-

re-o um amigo. E para se convencer de como os Missionários Salesianos o tenham alcançado plenamente, basta a qualquer observador uma viagem, embora rápida, pelos Centros da Missão Salesiana. O Missionário vela, ou talvez dissera melhor, desvela-se primeiramente pela vida e saúde dos indígenas. E quão numerosos episódios se poderiam citar desse desvelo que, não raro, atinge o heroísmo! E quantas vidas têm salvo esses desvelos! Até o bom senso desapaixonado dos indígenas o reconhece e o tem proclamado alguma vez. Ao Missionário sorri sempre a esperança de, ao menos no momento da morte, graças à paciência e bondade com que trata o indígena, poder santificar aquela pobre alma com a graça do Santo Batismo, e fazê-la filha de Deus e co-herdeira do Céu.

Porém, os maiores esforços devem ser dirigidos para a geração nova. Para esta a MSRN procurou criar no mais longínquo da selva amazônica um ambiente de civilização onde, sem atritos, sem violências, o indígena vá assimilando, quase sem o perceber, uma civilização humana, cristã e brasileira. São os internatos, aos quais a criança, filha de pais indígenas, talvez se tenha apresentado mais nua na alma do que no corpo, isto é mais privada dos elementos enobrecedores da Civilização, do que despida de roupa tinha o seu brônzeo corpo, na nudez natural com que se apresentou. Permitam-me lhes recordar, a propósito da nudez vigente ainda há não muitos anos, nesta área das Missões, quando as crianças vinham totalmente nuas para se matricularem como alunos, e os próprios homens adultos, quicá seus pais, se apresentavam apenas com o waxsó-ro, ou cobra-sexo, para os seus negócios, ou para se internarem no hospital, um dito espirituoso do Provincial Salesiano de então, o benemérito P. Pedro Rota. Precisamente em Taracuá, observando a tez acobreada dos indígenas, em harmonia com a cor do brin-káki (muito usado naquela época em uniformes escolares e colegiais, e pelo próprio Exército Brasileiro), revelou jocosamente

mente aos seus Missionários: "também entre estas Tribos é geral o uso do káki inglês". E numa fotografia em que figurava o Prelado Dom Pedro Massa, rodeado de um grande número de meninos à adâmica, que se candidatavam ao internato nessa Missão, alguém escreveu, à guisa de explicação: "antes da tomada de hábito".

3. O processo civilizador salesiano começa pelo corpo, para atingir a alma.

a — O primeiro passo é a assistência sanitária. Mais de uma vez por mês, em via de regra, as lanchas sobem e descem os rios, parando no porto de cada povoado. E nestes últimos anos, e com maior frequência ainda, são as visitas de botes de alumínio acionados por um motor de popa. É o Missionário que sai controlando o estado sanitário da população indígena, distribuindo remédios, dirigindo o tratamento e transportando para os hospitais os doentes que exigem maiores cuidados e recursos. Infestações verdadeiramente epidêmicas de sarampo (doença infecciosa por genas de muitas centenas de pessoas, como em 1956, sem que se registrasse um só caso fatal no povoado missionário e, ao invés têm literalmente dizimado outros grupos não assistidos pelos Missionários, além da fronteira do Brasil.

b — O segundo passo é a assistência alimentar. Não só as crianças de ambos sexos internadas nos colégios das Missões, senão também os adultos que aí se empregam como trabalhadores, são mais bem nutridos do que os que vivem por sua conta, nos seus povoados. É o que verificou em 1956, numa viagem de inspeção e estudos, o Major, Dr. Joaquim Alvaro dos Santos. É que a Missão lhe procura proporcionar alimentação sadia e abundante, e além do que a dieta indígena estabeleceu e saboreiam, mais elementos de que dispõe um vírus específico) têm assaltado inteiras populações indígenas a civilização: açúcares, amidos, proteínas, sais, etc. Nós anos de crise, inteiras famílias indígenas correm numerosas aos Centros Missionários, certas de aí encontrarem, em troca de

pequeno trabalho, que será remunerado como de costume, a necessária alimentação para os pais e quiçá 4 ou 5 filhos menores.

c — O indígena é estimulado ao trabalho. Tudo o que ele produzir, além do necessário para o seu consumo, será adquirido e bem pago pelas Missões. Pode-se imaginar o grande consumo de farinha, beijú, peixe, caça, frutas, etc. para a manutenção durante um ano de 1.500 crianças internadas, em 16 institutos, 8 masculinos e 8 femininos, e uma média de 500 indivíduos adultos, dos dois sexos, que vivem adidos a algum dos Centros da Missão, como trabalhadores ou empregados (no atendimento das oficinas, das lanchas, do gado da Missão, como na lavanderia, cozinha, hospital, etc.) e onde passam poucas semanas ou vários meses cada ano. Temos assim uma média de duas mil pessoas, sem contar os doentes dos Hospitais missionários, mantidos diariamente pela Missão Salesiana do Rio Negro. E digamo-lo de passagem, se atentarmos que mensalmente as lanchas da Missão sobem abarrotadas de mercadorias embarcadas em Manaus (e quase todas manufaturadas no sul do Brasil) e cuja distribuição para os Centros Missionários mais afastados tem sido recentemente feita pelos "Búfalos" da FAB, além do carregamento mensal de açúcar, sal, arroz, feijão, trigo, milho — podemos deduzir, sem grande esforço, que economicamente, as Missões representam um ônus de muitas dezenas de milhões anualmente.

Sempre que os indígenas de ambos sexos desejam passar algum tempo nas Missões, aí são cordialmente acolhidos. Os Centros Missionários fizeram construir amplos barracões para abrigá-los e sempre acharam um trabalho para ocupá-los e proporcionar-lhes os meios de obterem um crédito para adquirir os produtos da civilização que eles desejam: roupa, rede de dormir, facões, machados, tachos, sal, fumo e até pentes-fantasia, sabonetes e mais moderadamente, artigos de adorno. Haverá sempre um pátio para capinar, buracos a

plainar, uma rua ou estrada para alargar, ou mesmo terão que recolher areia ou pedra para os novos edifícios ou reparações de colégios, hospitais, correios, procurar madeira para as construções, abater troncos, transportá-los, serrá-los, cavar a argila e preparar o barro para a olaria, ou ainda, serão estradas para abrir ou melhorar, ao longo das cachoeiras intransponíveis, abrir ou refazer os varadouros para encurtar a passagem entre povoado e povoado, ou abastecer de lenha a cozinha dos colégios e dos hospitais; ou será talvez a execução ou reparação dos campos de pouso para os aviões, já concluídos ou em adiantada construção ao longo daqueles distantes rios e fronteiras, para a grandeza e segurança do Brasil. Mais recentemente a FAB vem enriquecendo essa área fronteira da Amazônia com campos de pouso em simples povoados indígenas, ou posições estratégicas, além dos campos que servem os Centros Missionários.

A rigor não se leva em conta se o trabalho indígena é econômico; em alguns casos é evidente que não cobre a manutenção alimentar do trabalhador. E não só a terá ele e seus filhos, como ainda ele se tem como credor de uma paga diária em espécie, pelo armazém da Missão. É que se trata de habituá-los a um trabalho mais metódico e produtivo, e não apenas aos trabalhos tradicionais da tribo, trabalhos saltuários e, não raro, apenas com o caráter de um divertimento ou esporte.

4. Assim, aos poucos, vai-se modificando e levantando o padrão de vida daquelas tribos. Salta de imediato aos olhos do visitante que chega àquelas paragens, a grande diferença que vai entre os grupos indígenas (quicá grupos da mesma tribo, seja embora a dos Tukano, tido e havida na conceituação indígena como a mais nobre) situados nas vizinhanças da Missão ou sob a assistência dos Missionários, e os mais afastados (por exemplo, no rio Aua, um dos formadores do rio Papuri, em território colombiano) que pouco ou nada se beneficia das vantagens da Missão.

a — Estes, talvez vivam ainda em completa nudez, sujos, fétidos, aglomerados promiscuamente em infectas malocas, com seus pobres apetrechos confusamente dispersos pelo chão pulverulento, inclusive até os seus próprios alimentos: frutas, peixe moqueado, beijú, etc.. É um padrão de vida que nos confrange o coração, indigno, não padece dúvida, de uma criatura humana. E sombreando ainda mais este quadro (que não convém pintar em todos os seus pormenores) o estado sanitário desolador. Certamente não deixará o visitante de encontrar seres humanos de ambos sexos, de todas as idades doentes ou mesmo atassalhados de dores: serão crianças pálidas, obesas de verminose, serão mães exangues, nutrido, não se sabe como, um recém-nascido que lhe suga os magros e alongados seios, serão trapos humanos precocemente envelhecidos que definham sobre uma rede atada a algum canto escuro e enfumaçado da maloca. Verá bocas desdentadas e possivelmente com mau hálito de dentes cariados e estômago ulcerado pelo abuso do ipadu, verá olhos lacrimejantes, purgando, verá corpos nus mosqueados de dermatoses, ou mesmo abrindo-se em chagas ou encoscorados de boubia (a *Framboesia tropicalis*), ouvirá tosses secas de mulheres tísicas, talvez daquela mesma que ele encontrou ao entrar na maloca, exangue, com um recém-nascido sugando-lhe os seios, como alongados ubres de cabra.

b — Antes que contemplar a realidade deprimente deste quadro que desejaríamos poder tachar de irreal, preferiríamos todos nós acreditar que a realidade fosse o fascinador quadro que José de Alencar sonhou nos seus romances: índios limpos, fortes, simpáticos, nobres, leais, vivendo em tabas arejadas, higiênicas, construídas com primor e arte. Pois vai se aproximando desse sonho de Alencar algumas das habitações e povoados indígenas sob a influência missionária. Há três dezenas de anos atrás, quando o então chefe do Governo, o Dr. Getúlio Vargas cogitava de aplicar uma parte da arrecadação federal em benefício particular da Amazônia, foram enviadas comissões de Deputados a diver-

sas regiões da ampla bacia amazônica e outras áreas do Brasil. O relator de uma dessas Comissões, o então Deputado Dr. João Café Filho (mais tarde também ele Presidente da República do Brasil), em contraposição ao quadro sombrio que observara de colônias indígenas pelo Brasil Central, pintou com cores róscas, animadoras, o que viera a saber das Missões Salesianas do Rio Negro. Vamos encontrar no Uaupés, não mais malocas, senão povoados com barracas familiares, de ordinário bem arruadas, com uma praça na frente da capelinha barreada (e hoje, 1977, muitas delas já são de alvenaria), calada, talvez com uma barra colorida. E as barracas familiares vão, aos poucos, conformando-se ao padrão da capelinha: barreadas, branqueadas, não de cal, porém de greda branca, de piso batido de tabatinga cinza, à guisa de cimento e, à frente, um pequeno alpendre, que empresta certa graça à barraca, e constitui um ambiente arejado e fresco, para uma conversa amena, às horas de lazer, ou mesmo para trabalhos domésticos. Mais freqüente é a cobertura de palha, que tem a vantagem de conservar o ambiente mais fresco, naquele clima tropical. Começam, no entanto, a aparecer as residências cobertas de telhas, que a Missão fornece. Não saberia informar se ainda nesse ano da graça de 1977, mas até pouco tempo as únicas olarias existentes no Rio Negro e afluentes eram as dos Centros Missionários, e forneciam outrossim telhas e tijolos para os edifícios públicos e residências dos civilizados.

Em qualquer barraca indígena vamos encontrar, mais ou menos numerosas, diferentes artefatos da civilização, desde machados e facões, generalizados por toda parte, como outrossim, colheres, garfos, facas, pratos, caçarolas, e até fornos para o bejú e tachos; veremos canecas de metal ou copos de vidro, garrafas, redes, espelhos, pentes, sabão, agulha, linha e, nas casas de muitos ex-alunos da Missão, também canastras para guardar suas roupas, e até bancos, cadeiras (em geral fabricadas pelos próprios indígenas), mesas supor-

tando um rádio ou toca-discos e, a um canto, sua máquina de costura.

c — Convireis comigo que é quase a diferença da noite para o dia, a da visão do pobre índio nú, sujo, fétido, apresentando, além do que a natureza lhe deu apenas o waxsó-ro ou cueilo, qual sacola de tururi (a Bertholletia excelsa, H.B.K., da família das Lecitidáceas), que lhe resguarda o órgão masculino dos ramos da mata, e uma pluma de adorno no orifício das orelhas, e o atual ex-aluno da Missão, quiçá aquele mesmo que há 15 ou 20 anos atrás entrou de cueilo as portas do Centro Missionário. Ele se apresenta agora bem vestido, talvez até de calças na moda, de boca estreita, com vistosa camisa de Nylon, bem penteado, servindo-se mesmo da brilhantina para reter em posição seus rebeldes cabelos lissótricos. Muitos ex-alunos indígenas se apresentam hoje calçados e vestidos com mais elegância que os caboclos do Rio Negro, civilizado de dois séculos, ou que a população do campo do Brasil, com camisa de seda talvez, um relógio pulseira e um rádio colado ao ouvido.

Mais de uma feita ouvimos aviadores e visitantes que, a bordo de um dos Catalina da Panair-do-Brasil, e nestes últimos anos nos Douglas da FAB (Força Aérea Brasileira) poustavam pela primeira vez em Taracua, o primeiro Centro Missionário sobre o Rio Uaupés, em plena área exclusivamente indígena, exclamarem quase desiludidos: — "Agora aqui já não há mais índios, já estão todos civilizados!" Não, ainda não chegaram à meta, mas dela já se aproximam aqueles elegantes rapazes e moças do Uaupés. Estou certo que todos concordarão comigo que esta meta é o ideal, e o processo seguido pela Missão Salesiana do Rio Negro, os está encaminhando para lá.

Um Parque Indígena, de cuja conveniência não é o momento de discutir, poder-se-ia justificar como medida provisória, de emergência, que deve ceder lugar aos 'núcleos de civilização' e criarem-se em pleno habitat original indígena, como os que a Missão Salesiana instalou entre as Tri-

dos do Uaupés, Tiquiê, Içana, e instalará, podemos esperá-lo, nas demais áreas indígenas aos cuidados daquela Instituição.

5. Essa diferença confortadora, quase numa oposição diametral, deve-se atribuir ao processo civilizador da Missão Salesiana. Este processo exige despesas de milhões, que são subministrados, em parte, pelas Verbas oficiais e, em parte pelas doações de Instituições eclesiásticas ou particulares. Exige, porém, muito mais do que isto; exige uma concentração harmônica de esforços de algumas dezenas de Religiosos Salesianos (Sacerdotes e Irmãos) e de Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, e um espírito de sacrifício que muitas vezes, raia pelo heroísmo, sacrifício que só um intenso amor de Deus, o amor da Pátria e o senso da fraternidade humana podem suscitar e manter. Este processo consiste, repetimolo, em criar no próprio ambiente indígena um 'centro de civilização cristã e brasileira', do qual paulatinamente todos os indígenas se vão beneficiando.

a — Os adultos se beneficiam pelo contacto seu tanto saltuário, a saber, quando periodicamente vão aos Centros Missionários, por uns poucos dias, ou quiçá por meses, para vender seus produtos, para se abastecerem do necessário, para assistirem às festas, se oferecerem como empregados ou se internarem nos hospitais. Acenamos que em todos os Centros Missionários do Uaupés realizaram-se solenes Festas Religiosas (de Nossa Sennhonra, do Padroeiro, da Semana Santa e especialmente do Santo Natal) que já vão passando em tradição muito agradável, ou talvez dissera com mais exação, tradição indispensável à psique indígena. Com dias ou semanas de antecedência chegam centenas de indígenas de vários Tribos, de povoados vizinhos ou longínquos. Atulham suas canoas de carga e pessoas e, ao depois, os amplos barracões construídos ad hoc pela Missão bem como as casas dos seus parentes ou contribules que residem no povoado. Não é apenas uma oportunidade para compras e vendas, ou para assistirem a funções religiosas. São dias de prazer e divertimentos. Prazer proporcionado pelo encontro

de parentes indígenas entre si, e com os seus amigos Missionários, talvez seus mestres de anos anteriores. Divertimentos porque se assenhoriam dos pátios da Missão, com louvável sem-cerimônia, sem constrangimentos nem inibições; sentem-se quase como se estivessem na própria casa. Esportes, brinquedos entretêm crianças e adultos. Não faltarão competições desportivas de futebol, natação e até de regatas, com seus prêmios. Nem faltarão projeções cinematográficas e representações teatrais. Talvez vos maravilhareis ouvindo que os atores ou 'artistas' são os próprios indígenas, alunos e ex-alunos. Não podem faltar por certo as satisfações do estômago, balas, bombons, comidas e a apetecida farofa (farinha de mandioca torrada com gordura e carnes) além de cigarros e outros pequenos presentes que alegam a alma indígena. (Cenas destas podem ser apreciadas num filme Documentário destas Missões, preparado há duas décadas pelo autor destas linhas).

b — Mas sobremaneira se beneficia com este ambiente de civilização as crianças de ambos sexos. Sublinho ambos sexos, embora não se detenha agora a encarecer o grande alcance psicológico de os internatos da MSRN propiciarem às crianças indígenas do sexo feminino, subestimado pela mentalidade indígena, idênticas possibilidades de se elevarem, de que gozam os do sexo masculino. Além dos contactos saltuários com a civilização, nas visitas periódicas aos Centros Missionários, como acabamos de acenar, e das visitas dos Missionários aos seus povoados, a criança de hoje já leva considerável vantagem sobre os anciãos, a saber, serão provavelmente filhas de ex-alunos da Missão e já se considera, na opinião indígena como "filho de civilizado". Pelos seis (6) anos todas as crianças dos povoados próximos, e muitos, dos mais distantes, se matriculam, — e o relevei, espontaneamente — nos internatos da Missão: as do sexo masculino sob a direção dos Padres Salesianos, e as do sexo feminino, sob os cuidados das Irmãs Salesianas ou, com mais exatidão, as Filhas de Maria Auxiliadora. O cole-

gial, além das vantagens materiais e religiosas supraaludidas e da assistência sanitária, vai receber uma pequena cultura e uma instrução profissional. Aprenderão a falar, o Idioma Pátrio Brasileiro (a Língua Portuguesa), aprenderão a ler, a escrever, a contar, noções de Geografia, de História Pátria, de Ciências, de Higiene, de Civilidade e de Religião. Uma instrução mais ou menos correspondente ao 1.º Ciclo das Escolas do Brasil. E o segundo Prelado, Dom Miguel Alagna, que rege presentemente as MSRN, como sucessor e D. Pedro Massa, conseguiu estabelecer nos Centros Missionários cursos oficiais de estudos, correspondentes ao 1.º Ciclo de estudos, das escolas do Brasil, e como professores, além dos Salesianos e Irmãs, também indígenas puro sangue, dos dois sexos, e registrados, outrossim, na Secretaria da Educação do Estado do Amazonas; 2.º conseguiu também (embora disso não possua o número exato, o redator destas páginas) estabelecer várias dezenas de escolas rurais pelos povoados indígenas, sob a responsabilidade de ex-alunos e ex-alunas das diferentes Tribos.

Ademais, como uma necessidade para sua formação, e imposição, outrossim da psiquê indígena, para variar as ocupações que já se intercalam com descanso, recreações, passeios, banhos, divertimentos, pescarias, — adquirem uma habilitação profissional. Todos terão, por dia, uma hora de trabalho na horta ou pomar (especialmente as meninas, pois conforme a tradição das tribos uaupésinas, o cuidado das roças cabe à mulher) — e, de acordo com suas inclinações e desejos, aprenderão também algum ofício: de oleiro, pedreiro, alfalate, carpinteiro, construtor de canoas, e até de batelões e lanchas (as lanchas da Missão, ora trafegando por aqueles caudalosos e perigosos rios foram todas construídas nos estaleiros da Missão). Aqueles distantes centros Missionários já prepararam uma centena desses jovens profissionais que hoje trabalham nas oficinas da Missão (alguns até com curso de aperfeiçoamento nas oficinas Salesianas de Manaus), como igualmente para os civilizados do

Rio Negro e até das vizinhas Repúblicas da Colômbia e Venezuela. E estão presentemente sendo úteis aos planos do Governo Brasileiro na construção da grande rodovia denominada Perimetral Norte, a qual, em grande parte atravessa a área humana atendida pelas MSRN.

As meninas, além da habilitação ao lado das suas mães, nos trabalhos tradicionais, aprenderão a cozinhar (a alimentação usual dos Civilizados, nos Colégios da Missão e, até alguns pratos extraordinários dos dias de festa), a fabricar pães e biscoitos, a lavar, a remendar as roupas (das centenas de crianças escolares), a trabalhar o tucum (desde o corte da palma, à tecedura dos belos e variegados tapetes e redes) bem como o corte e costura.

Com os elementos de cultura material, o ex-aluno leva para a casa dos seus pais os da cultura espiritual que os velhos indígenas irão assimilando lenta, mas estávelmente, mesmo sem disto se darem conta. Os novos lares de ex-alunos com ex-alunas se instalam hoje mais bafejados ainda pela civilização. Desses lares sairá naturalmente uma terceira ou ulterior geração mais cristã e brasileira mais civilizada que a dos seus pais, os primeiros ex-alunos dos Centros Missionários. E a Civilização, obra das gerações, ir-se-á aprimorando.

Na falta de dados estatísticos atualizados, podemos assegurar, por um conhecimento bem dilatado e prolongado de Tribos e Povoados (estivemos em contacto directo com 38 Tribos diversas, e uma centena de grupos indígenas escalonados ao longo dos rios Uaupés, Querari, Tiquiê, Papuri, Aua, Paca, Pirá-paraná, Içana, Aiari, Quiari, e numerosos subafluentes, ou no interior da mata, bem como com as Tribos Kohorôstari, Anôkaptüri, dos rios Cauaburi e Maruiá), que há, presentemente, várias centenas de indígenas na Prelazia do Rio Negro que aprenderam a ler e escrever e que, portanto, a porcentagem de alfabetizados, entre os indígenas do Uaupés é certamente maior do que a de alfabetizados em certas áreas do Brasil civilizado, e que, num

futuro próximo, a porcentagem de alfabetizados entre os indígenas uaupesinos será tão boa quanto a dos países que a têm mais elevadas. Já se tem dito que os Salesianos, 'superducam' os indígenas (over-educate, como se exprime o Relatório da 'Aborigines Protection Society' de Londres, publicado em Londres e Tonbridge, em 1973, sob o título 'Tribes of the Amazon Basin in Brazil', 1972; cfr. sua tradução e comentário por obra do Dr. José Vicente Cesar, SVD, p. 11).

Simples turistas ou cientistas que têm visitado os Centros Missionários do Uaupés a título de estudo, altas patentes Militares em viagens de demarcação de fronteira ou de inspeção da região ou dos campos de aviação (cujos inícios remontam à década dos quarenta), Candidatos eleitorais que em vésperas de pleitos ganham aquelas longínquas paragens, à cata de votos de centenas de 'eleitores' que há alguns anos atrás a Missão recebeu nos seus internatos sob a denominação de "índios de cueio", não puderam ocultar sua grata emoção, que um sadio patriotismo experimentou, ao presenciar um espetáculo hoje usual para o Missionário. Aos domingos, depois de cumprir seus deveres para com Deus, uma população de algumas centenas de indígenas, trazendo estampados no rosto os traços de sua origem racial, e no olhar a transparência de uma alma filha de Deus e do Brasil, e amiga do Civilizado, encaminha-se ordenadamente para junto do hastil da bandeira brasileira. São duas ou três centenas de crianças de ambos sexos, nos seus uniformes escolares, são homens com suas roupas domingueiras, são mulheres nas suas vistosas e polícromas roupagens. Contemplam respeitosamente o auriverde pendão nacional que sobe lenta mas altivamente nos confins da Pátria, mais alto que a mataria circundante, que sobe para o azul do céu, como uma prece a Deus. E cantam, os que dizemos "filhos das selvas", e outrora os acoimavam de "selvagens", com seu timbre característico, mas com entusiasmo, cantam o hino Nacional Brasileiro e outros hinos patrióticos.

Eis, em breve esboço, o método civilizador empregado pelas Missões Salesianas do Rio Negro, e os resultados obtidos em 50 anos de emprego, desde a data da fundação do primeiro núcleo uaupesino em Taracá.

## O INDIO TEM O DIREITO DE SER INDIO OU DE SER CIVILIZADO ?

Um belo Lema inspira e orienta as Faculdades Salesianas de Campo Grande, Mato Grosso: pelo culto da verdade e pelo amor ao Brasil !

### 1. VERDADE E CIENCIA.

'Que é a Verdade?' Esta grave interpelação foi avançada num tribunal pelo mais alto representante da Roma Imperial, no momento mais gravemente histórico da História da Humanidade. A questão foi apresentada por Pilatos a Jesus: 'Que é a Verdade? Quid est veritas?' A observação meticulosa dos fiéis da Idade do Meio não escapou que as mesmíssimas letras da pergunta, diversamente dispostas, incluíam a resposta à momentosa questão. 'Quid est Veritas? Est vir qui adest', a Verdade é o varão que aqui está presente. E o estava na situação de um acusado, na posição de um réu. Efetivamente aquela personagem que o Governador Romano tinha diante de si era o grande, o infalível pregoeiro da palavra de Deus, e a si mesmo definiu: 'Eu sou a Verdade ! E, por isso, podia acrescentar, atentai-o bem: 'quem me segue, não anda em trevas, antes, terá a luz da vida eterna' !

Observou Rui Barbosa que "a Política ignora sempre os seus mais formidáveis interesses". Muitas outras vezes na História Humana a Verdade tem sido arrastada, na condição de réu, ante os Pilatos que proliferaram e proliferam na Terra de Santa Cruz, como alhures. Mas os Pilatos de todas as épo-



cas, com suas políticas maquiavélicas, com seus poderes despóticos, dão e passam como ciclones. Porém, a Verdade Divina, aquela que aprendemos, como numa balbúcie, nos joelhos de nossa mãe, e que aprofundamos na mesma medida que a nossa inteligência se foi desenvolvendo, no exercício das várias disciplinas dos nossos currículos de estudos, ou melhor, durante os anos todos de nossa vida, esta Verdade permanecerá em todo o seu esplendor, porque ela tem o brilho de um sol, ela tem a estabilidade de um Deus.

Verdade é a adequação do conhecimento à coisa conhecida, ou, na clássica definição da Escola, 'adaequatio mentis et re'. Quando a nossa ideação, ou a representação intelectual que nos fazemos de alguma coisa, é exata, i.e. corresponde à realidade objetiva, dizemos que o nosso intelecto está de posse da Verdade. Se ele, em algum ramo do saber, logra acumular um complexo de verdades intimamente ligadas entre si, e possuídas com absoluta convicção de ser detentor da verdade, isto é, tem delas um conhecimento certo, sem receios do erro oposto, ou as flutuações da dúvida, diz-se que ele possui a Ciência daquilo. Porque Ciência é um conjunto de conhecimentos certos, conexos entre si na relação de causa e efeito.

Se, por figurar uma comparação, verificamos ao galgar as alturas que os horizontes recuam, propiciando-nos mais amplo descortino, averiguamos, outrossim, que a visão se fez mais vaga, menos precisa. Ganhamos na percepção do conjunto, porém, perdemos de vista os pormenores. Uma visão nítida só a podemos ter de um campo bem restrito, a uma distância bem reduzida. É a aplicação de um dado óbvio da observação psicológica: 'pluribus inténtus minor fit ad singula sensus'.

O mesmo se passa no horizonte do saber. Quando remontamos às causas últimas, que são objeto específico da Filosofia, temos uma maravilhosa apreensão do conjunto dos seres, uma como visão cosmorâmica, algo comparável ao espetáculo soberbo que se goza dos elevados picos alpestres. O prazer da visão é a recompensa do esforço da subida. Só os que sabem afrontar e superar a escalada, por vezes monótona,

dos tratados filosóficos, lograrão extasiar-se na contemplação das verdades mais remotas. A Verdade Última, cumulando em si todo o saber, é Deus, e este só o podemos entrever na vida terrena, assim como 'per spéculum in aenígmate' (na expressão de S. Paulo), i.e. como uma figura vaga projetada em baço espelho. Será, porém, contemplado, um dia, em todo o seu fulgor extasiante, não como quem lobrigz os longes de um horizonte almejado, mas como quem defronta facile ad fácem, a beleza personificada, na glória do céu.

Enquanto o homem marcha sobre a terra, porque todos paulina, 'peregrinamur a Deo', não logramos ter um conhecimento exhaustivo do conjunto do scibile, o scível, e todos os seus pormenores. Este é privilégio tão só da Ciência de Deus, da qual, para conforto nosso, participarão os eleitos, os bema-venturados na Glória, pela teologicamente denominada visão beatificante.

## 2. ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

A limitação intelectual do homem que peregrina na Terra impõe, como condição do progresso das Ciências, que se lhes restrinjam os campos de estudo. Donde a multiplicação das Ciências, na medida da fragmentação do campo do saber. Só o estudo do homem, a quantas ciências não tem dado origem: à Psicologia, à Biologia, à Antropologia, à Sociologia, à História...

Disputa-se ainda sobre as definições de Antropologia e Etnologia. Não extranhemos que isso se dê, pois defluição soz como delimitação de setores. Ciências confinantes que são a Antropologia e a Etnologia, haverá necessariamente entre elas uma zona gris, isto é, uma fronteira comum a ambas. Encontramos para a Antropologia a noção um tanto vaga "História natural do Homem", ou seja: "o estudo do Homem no seu elemento fisiológico". Como alguma Enciclopédia informará que a Etnologia é 'a Ciência dos grupos humanos'. Podemos, ao

invés, aceitar aqui, a título precário que a Antropologia seja 'a ciência das raças humanas, e a Etnologia, 'o estudo dos grupos humanos nos quais os componentes se acham ligados entre si pelos vínculos de uma mesma origem, de uma mesma cultura e de uma convivência social'.

Tornou-se, no entanto, comum restringir o estudo da Etnologia àqueles agrupamentos, como as nossas Tribos indígenas, que apresentam uma organização social mais simples, como também um padrão cultural menos elevado, tomando, evidentemente, como estalão ou gabarito a nossa civilização e o conceito que dela fazemos. E nos preâmbulos da Sociologia encarece-se a observação etnológica como um precioso recurso técnico de que se socorre o método sociológico para a compreensão dos complexísimos fenômenos sociais.

A tais agrupamentos humanos costuma-se erroneamente denominar de 'primitivos', como se representassem eles uma mumificação social da primeira fase da Humanidade.

### 3. NORMÓTIPO E INDIVÍDUO

Naquele labor muito seu de abstrair as idéias de todos os seus elementos concretos, a Filosofia define o homem como animal racional. Não ignorais que a Antropometria, das mensurações de limitado número de indivíduos, que se têm como representativos do seu grupo, carregando seus traços característicos, apresenta o seu normótipo, que não passa, afinal, de uma média das medições realizadas. Bem lançadas as contas, o normótipo assemelha-se a um manequim que, embora lembre um ser humano, não se parece com nenhum dos indivíduos mensurados.

A maior mentira de que a Humanidade chegou a convencer-se, à força de ouvi-la repetir, é a de que todos os homens são iguais. É verdade que, para tornar mais aceitável a drácea, sobredoiaram-na os Códigos com a ressalva 'iguais perante a Lei, donde a meticulosidade de alguns em se exprimirem: 'os homens são juridicamente ou politicamente iguais'.

Não é esta a oportunidade para analisar tais expressões e determinar dentro de quais limites seriam aceitáveis. A realidade nos depara multidões de homens, perfeitamente idênticos nos seus elementos específicos, porém com traços que os diferenciam entre si, de sorte que, de um modo geral, pode-se afirmar que não há dois indivíduos iguais.

Diz-se que 'o grande artista não se repete'; concebe sempre criações novas para as realizações do seu talento. A repetição dos mesmos ou semelhantes motivos nas composições musicais, como nos versos do poeta ou nos quadros dos pintores, é uma denúncia de pobreza imaginativa. Que dizer, então, do Artista Divino? Não se estranha, pois, essa estupenda variedade no semelhante. Não é difícil compreender essa gama quase infinita de diferenciações que se passam no elemento corpóreo do homem: diferenças de sexo, de dimensões, de cor, de pigmentação, como de temperamento, de caráter. E quem poderia imaginar, nem descrever a variação dos elementos psíquicos, como das qualidades morais e espirituais que individualizam as criaturas humanas?

### 4. CORPO VARIO — ALMA VÁRIA

Animal racional, ser humano, são meras abstrações convenientes ou necessárias para os raciocínios. O que existe, porém, em concreto são os indivíduos humanos, membros de uma família e de uma ou mais sociedades. Surgindo de uma família por geração, vai o homem carregando no seu corpo com os genótipos paternos e maternos do cromosoma original, as qualidades boas ou más que os seus genitores lhe herdaram, e que ele irá modificando, irá agravando no decorrer dos seus anos, pelo seu regime de vida.

Não concebemos, à maneira de Platão, o homem como um espírito preexistente, encarcerado, ao depois, num corpo qual avezita engaiolada; mas, sim, como um composto de alma e corpo, i.e. de um elemento corpóreo e outro espiritual. Não houve, no princípio dos tempos, uma criação de almas.

todas iguaizinhas, como uma produção em série das modernas fábricas de automóveis ou, se mais vos apraz, de um atelier divino de robots. Como não houve uma pululação de antropitecos em cada recanto do planeta, ou em cada recesso da mata, de conúbios simiescos, por séries de inconcebíveis mutações.

Talvez, se pensar a falar pudessem, os seus progenitores símios qualificariam de degenerescências do tronco paterno, o que os exacerbados evolucionistas, apavorados pela necessidade de vir a admitir o creacionismo denominam 'mutações', e às atribuem a não se sabe quais condições meramente possíveis, de calor, umidade, pressão, energias cósmicas, etc.

Admitimos, com absoluta certeza, que a alma humana é uma criação imediata de Deus, no momento da fecundação dos gametas, e para animar tal célula, com seus traços individualizantes. Inferimos, então, que, idênticas também nos seus elementos essenciais, as almas se diferenciam uma das outras, numa gama de traços naturais quiçá mais extensa do que a das qualidades somáticas, traços psíquicos que a educação, ao depois, irá conservar ou modificar.

Como admitimos, sem ressaibos de dúvida, a proveniência de um único tronco, de um casal primeiro, Adão e Eva, dessa multidão de criaturas humanas que povoam todos os quadrantes da Terra: as grandes metrópoles do comércio e da indústria, como as pequeninas aldeias e povoados, as selvas quase infinitas e agressivas da Amazônia, como as malfadadas tundras siberianas, talvez mais calcadas hoje de vítimas da barbárie soviética, do que das tribos aborígenes.

## 5. OS PROBLEMAS DA ORIGEM DO HOMEM E DA SUA EXPANSÃO

Que de problemas fascinantes importa a origem do homem e a sua expansão portentosa pelo orbe terráqueo, há algumas dezenas de milênios tão só. E com dificuldades que hoje apenas suspeitamos, e sem os recursos que o progresso, estimulado, pelo nosso comodismo, inventou; expansão do-

cumentada pelas jazidas pré-históricas, numa prova exuberante da inteligência desses primeiros grupos humanos, como até do seu gosto artístico, quiçá superior a de tantos pintores contemporâneos que a fama endeusa e os milhões premiam. Ti-vestes acaso o ensejo de admirar algumas dessas pinturas rupestres que enriquecem cavernas do Brasil, como de alhures, no velho e novo mundo? Talvez vos viesse como a Chesterton ('O Homem eterno') ou a Giovanni Papini ('Il Libro Nero') o desejo de acafejar o fantasiosamente imaginado trogodita, e o homem do século XX, ou o primeiro varão que existiu e o derradeiro que viverá sobre a terra, e verificar se houve, daquela remota era até hoje, um imenso progresso em todos os setores da vida humana, ou, ao contrário, avanços só num setor, o da vida material, e dos progressos técnicos, e recuos em outros.

Quiçá seria oportuno, à esta altura, lembrar com Raymond W. Murray (Introductory Sociology), que o homem não saiu da caverna, mas entrou na caverna, por ocasião daqueles tétricos períodos glaciários. A primeira fase da Humanidade não foi a da caverna. Talvez o seja a última. Isto é, ante o espectro da destruição atômica que nos ameaça, os homens se vejam obrigados a refugiar-se nas luvas modernas, os abrigos anti-atômicos, envolvidos por máscaras e couraças que os tornam mais monstruosos do que a fantasia evolucionista figurou gratuitamente o fossem os primeiros homens. Pessoalmente sou proclive a pensar que se aproximará bem mais da realidade histórica da fisionomia dos nossos primeiros pais Adão e Eva, a representação serena e nobre que deles admiramos no Museu do Prado (Madri), por obra do alemão Alberto Dürer. Oxalá não sejam os atuais, ou mais provavelmente os abrigos anti-aéreos de uma ainda bem remota Humanidade, o apocalíptico sepulcro, quando esta nossa habitação terrena se consumir no fogo da justiça divina, ateadado pelas mãos criminosas dos homens, conforme aquele quadro dantesco que o Vidente de Patmos, S. João Evangelista, esboçou

nos capítulos sombrios da magna e derradeira Revelação a qual, por isso se denomina Apocalipse.

## 6. OS DESCOBRIDORES E OS INDIOS

Quando os descobridores europeus, homens de espírito grandemente aventureiro e de uma ardente fé, propulsados, outrossim, por uma ambição incontida de fama e de ouro, aprofaram as terras da América, aqui encontraram inúmeros habitantes das mais diversas origens, de raças diferentes e costumes estranhos, falando idiomas diversíssimos.

Erros e prevenções de parte a parte e, em alguns casos, a incompatibilidade mesma de costumes, transformou o encontro das duas civilizações europeia e aborígene, num choque tremendo, do qual saiu sempre mal ferido o pobre indígena. Algumas vezes até, com suas asas rutilantes o incêndio açoitou e aluiu inteiras povoações indígenas.

Por um desses privilégios gratuitos que constituem um apanágio da amorável Providência Divina, coube à nossa Pátria ser descoberta, colonizada e levada ao seio da civilização por um dos povos mais adiantados da Europa do século 15, os Portugueses, quiçá os colonizadores mais atilados e hábeis que a Europa jamais teve. Raça generosa, cristã e forte, soube misturar seu sangue com o de todas as outras raças, também com o indígena, que achou na terra, e o negro que o comércio para aqui importou. Do conúbio lusó-indígena, bem o sabeis, caldeou-se o sangue que irrigou a linhagem indômita dos Bandeirantes, que alargaram as fronteiras da Pátria, bem como e da mais nobre prosápia patricia.

## 7. DIFERENÇAS RACIAIS

Discutam, embora os Antropologistas, quais foram os factores que propiciaram a diferenciação da grande família humana em raças diversas, quantas e quais mereceriam ser denominadas raças, quais são os elementos que bastem para caracterizar uma raça. Não são mais numerosas nem mais

importantes estas questões estritamente antropológicas, do que as denominadas, em termos de Sociologia e Política, disputas racistas. Por leigos que possamos ser nas Ciências do Homem, não nos escapa que as Raças apresentam suas qualidades típicas, tanto físicas ou biológicas, como intelectuais e morais, condicionadas até certa medida estas duas últimas às primeiras. Nenhuma, porém, das raças humanas darão por si só o homem perfeito, o homem-protótipo, o super-homem de Nietzsche. Não desconhecemos a perimida tese da superioridade racial ariana, de Gobineau (*Essay sur l'Inégalité des races humaines*, Didot, 1851), de Houston Stewart, de Chamberlain, (*Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts*), e que o Nazismo pregou como dogma central do credo nazista do 3.º Reich (cfr. F. Bruckmann, Munique, 1942, *Os Fundamentos do Século XX*). É que nenhuma das raças atuais é a herdeira daquelas qualidades originais do homem primeiro, nenhuma ostenta a natureza do homem arquetipo, em sua pureza esterlina, qual surgia de um ato criador divino. A natureza humana sob a gama policroma de pigmentos que hoje estadeia, seja qual for a raça sob a qual se apresenta, traz indelével as marcas da sua queda original. Todas as raças atuais são híbridas, estão mescladas de taras ancestrais que se foram acumulando do dobrar, dos milênios, no volver das gerações, como os filhos demonstram no seu corpo os vícios dos seus pais, como as gerações futuras e as raças por vir descontarão na própria carne a corrupção da nossa idade. E não só no próprio soma, que também na própria psique. Atendam bem nossos jovens patricios, para a responsabilidade do seu proceder. O pecado contra a própria carne não se extingue nela, alarga-se até as dimensões de um pecado de lesa-pátria, de lesa-humanidade. Como da própria virtude, da própria continência se beneficiarão as gerações vindouras. Pois se todas as raças são imperfeitas, são doentias, são, outrossim, todas elas perfectíveis. Como a diferenciação racial diz uma desunião entre os descendentes de um tronco único, Adão, talvez da fusão das qualidades raciais típicas ou consideradas tais, do caldeamento das várias raças

— símbolo que é da união da Humanidade —, surja uma base humana melhor, a qual trabalhada pela virtude, venha a dar uma cópia menos imperfeita daquele, a cuja 'imagem e semelhança' fomos criados.

### 8. INDIOFOBIA E INDIOFILIA

Diante do Índio duas têm sido as reações que se extremam viciosamente. Uma é a dos que se envergonham que ainda haja em nossa Pátria Tribos Indígenas, 'raça inferior e nociva', que deveria ser extinta pelos meios, violentos ou não, de que dispõe a nossa civilização.

Em 1974, uma das mais divulgadas revistas brasileiras, abalou o país com relatos de antropofagia indígena, e documentação fotográfica de indivíduos esqueléticos, como os conhecemos dos campos de concentração nazistas e comunistas.

A nenhuma pessoa sensata escapa o deletério de reportagens deste jaez pelo abalo emocional que provocam num grande número de leitores. Discutível seria se se trata de um plano intencional — quiçá mesmo um programa que veladamente se esteja desenvolvendo, como o levaria a inferir a frequência de semelhantes impactos, grandemente anti-educativos, na psique coletiva, — ou antes, como somos proclives a pensar resulte de uma culposa imprevidência de jovens repórteres no afã de grangear popularidade e renome, que difícil, laboriosa e lentamente se constrói com artigos educativos, embora esta deverá ser a missão da imprensa, como da rádio e da televisão. Calhou achar-me eu naqueles dias num coletivo de Belo Horizonte, no qual viajavam também dois jovens possivelmente colegas de algum curso pré-universitário ou universitário, como autorizam a concluir suas idades e agradável aparência. Ao folhear a referida revista, os olhos de um deles chofram contra a manchete e a fotografia da famigerada reportagem: — 'Olha, que coisa horrorosa!' brada incontido; fazendo-se ouvir por todos os passageiros. — 'É inútil contemporizar com os índios! Estas Tribos não têm conserto! É preciso que o Governo as mande extinguir a bala!'

Outra e muito diferente atitude é a Indiofilia (se me permite o termo híbrido), e se opõe pelo diâmetro à Indiofobia, que acabamos de execrar. Mas há uma indiofilia perniciososa e desumana, embora com visos de muito humana e muito piedosa. É a dos que parecem que se deixaram empolgar de amores platônicos, talvez, dissera melhor, amores fantasiosos, pelos Indígenas, inspirados quiçá por Rousseau. Se é que sob o atraente véu de uma grande simpatia pelos aborígenes, mesmo inconscientemente para os seus possuidores, não se oculte um egoísmo diria científico. Pois vários desses possíveis membros de alguma futura 'Sociedade protetora dos Índios', são estudiosos de assuntos indigenistas. Com mais exatidão seriam classificados entre os enamorados da Etnografia, do que entre os movidos de amor pelos silvícolas. A prova maior de amor é dar a vida por quem se ama, ensinou o Divino Mestre. E esta a deram muitos Missionários Católicos, também dentre os Salesianos.

Exemplo mais do que comovedor, heróico, de amor aos indígenas (digamos com uma expressão mais adequada, porque mais cristã), exemplo de uma caridade ardente para com os pobres filhos das selvas, é o que nos apresentam os Missionários Católicos, de todas as épocas, em todas as latitudes. Renunciam às satisfações, tão legítimas quanto humanas, de constituir seu lar, de convivência de parentes e amigos, renunciam muita vez aos encantos das suas Pátrias, abrem mão dos confortos, do progresso para se embrenharem nas selvas. Escolhem desinteressadamente viver entre os índios para servi-los, até que a morte lhes venha cerrar os olhos cansados. Dos Indígenas não receberá nem sequer, atentai-o bem, a paga do reconhecimento e da gratidão. Sua alma voará, então à glória do céu, e o corpo do Missionário, alquebrado pelos anos e pelos trabalhos, e, não raro, pelo clima impiedoso, descansará à sombra de uma tosca Cruz de madeira, lado a lado com o indígena por ele evangelizado. Ao internar-se na brenha, o Missionário não visa pingues vencimentos; sabe, ao invés, que deverá arrostar grandes e frequentes privações. Como fim não

se antepõe primariamente razões de estudo, embora muitos deles, desde o nosso Pe. José de Anchieta, legarão à posteridade preciosas observações da sua convivência com as Tribos. Move-os tão só um ideal: levar ao silvícola a educação e a instrução, para trazê-lo ao conforto da civilização, ao grêmio da Igreja, que é o reino de Deus na Terra, e, ao depois, ao reino dos Céus.

### 9. QUE PENSAR DÓS PARQUES INDÍGENAS

O espírito anticristão da nossa época, como judiciosamente observou o insuspeito Alexandre Herculano, 'passou o amor do gênero humano do coração para a cabeça, mudou-lhe o nome cristão e inteligível de Caridade, para o científico e ininteligível de Filantropia'. Em nome de uma vã Filosofia de um cientificismo egoísta, ouve-se defender para o índio 'o direito de ser índio'. Frase bem sonora que chega a iludir os incautos, que arregimentam Deputados, de cujo patriotismo e retidão não nos é lícito duvidar, move-os a estudar Léis que lhes criem um Parque Indígena. Nem se atenta que o parqueamento dos silvícolas é, em última análise, um disfarce racista, importado de outras terras onde as tribos indígenas foram espingardeadas até quase a dizimação. Nem se adverte que o insulamento das Tribos em parques indígenas, sob calor de defendê-las dos Civilizados, quiçá mesmo barrando a entrada aí aos Missionários de Cristo, para reservá-la aos estudiosos de Etnografia, ou aos curiosos procuradores de reportagens comerciais, e de objetos de Ergologia Indígena para os seus Museus, é uma atitude antihumana e anticristã. Os Parques Indígenas não passam de uma segregação racial. Nem é o meio adequado para a defesa das Tribos Indígenas, que se pretendia insular em determinadas áreas, como se faz aos animais raros, para gozo intelectual de estudiosos de Antropologia daqui a cinquenta anos ou alguns séculos, ou de meros dilettanti e turistas.

O interesse da Ciência, que ainda hoje se pode salvar para as gerações futuras, pelo estudo metuculoso do Indígena, da sua Etnografia, da sua Língua, como o é esta monumental Enciclopédia Borôro, que honra não só a Missão Salesiana de Mato Grosso, senão também a Cultura Etnográfica Brasileira — o interesse da Ciência, insistimos, não é lícito obter-se, se acaso fosse este o único meio, com o sacrifício da dignidade humana de inteiros grupos que se denominam 'tribos selvagens', como pejorativamente se exprimem tantos.

### 10. FORAM E ESTÃO SENDO ASSIMILADOS

Que é feito, então, de tantos milhões de silvícolas, que enxameavam as matas costeiras, como as mais remotas brenhas do Brasil? Nunca os houve, nem seria possível. Uma população densa, numerosa exigiria extensas áreas, férteis e cultivadas por processos adequados. E estas jamais foram registradas pelos cronistas, e muito menos concebíveis o são na floresta tropical amazônica, úmida ou mesmo submersa durante meses.

Convém aqui uma pequena observação quanto à terminologia. Ouvimos sempre e por toda parte falar de Tribos. Pelo que concerne os numerosos grupos humanos na vasta área de atividade da Congregação Salesiana no R. Negro, não há Tribos, porque aí não existe organização tribal, a saber, "reunião mais ou menos numerosa de indivíduos, sob o comando de um Chefe, com amplos poderes reconhecidos e acatados por todos os seus súditos". Há tão só Nações ou grupos humanos que se supõem, conforme as Lendas, provenientes de um mesmo antepassado, vinculados pelo uso de uma mesma língua, mas todos eles esfacelados em pequenos ajuntamentos, quiçá de uma ou duas dezenas de pessoas, grupos que se localizam a grandes distâncias um do outro, permeados sempre por outras Nações, grupos que apesar de se dizerem 'irmãos', frequentemente se odeiam. Donde as numerosas brigas dentro de um mesmo povoado (sem excluir os assassinatos), e um

esfacelamento sempre crescente, com novas cisões e o grupo dissidente procurando novas paragens. O que não é difícil, numa área tão ampla como o baixo Rio Negro, e de escassa população.

Apesar de toda e plurisecular prevenção contra o Branco, ou Civilizado, o silvícola acha preferível residir entre esses, do que entre os seus "Irmãos". Mas não esperem que esse fato, a boa acolhida que tem dos Brancos, as vantagens que lhes advém dessa convivência, as provas de simpatia e auxílio que dos Civilizados recebem, a possibilidade para os seus filhos de estudarem gratuitamente nos colégios das Missões Salesianas, remédios e assistência gratuita nos hospitais, e, ultimamente, também a aposentadoria para os anciãos indígenas, fa-los-ão um dia gratos e amigos dos Brancos.

Permitam-me aqui um inciso. Em dez. de 1977, uma velha índia por nome Raimunda Palheta, da tribo Taryana (pitorescamente ela se diz ex-cabocla, pois foi criada entre os caboclos do Rio Negro), recebeu da Prefeitura de S. Gabriel o Certificado de Aposentadoria. Após alguns anos de casada, o marido a abandonou, por ser ela estéril, e uni-se a outra, da qual teve dois filhos (assim me informaram). Abandonada do marido e dos seus contribules, acolheu-se à Missão de Iauareté, donde passou, em 1970 para a de Taracuá. Já era, então bem idosa, e residia no hospital onde prestava pequenos serviços. Pelos documentos de batismo e casamento a Missão de Taracuá encaminhou o pedido de aposentadoria da "velha Raimunda". Pouco depois uma das irmãs missionárias muito atilada e observadora perspicaz comentava — tal aposentadoria é a salvação para os velhos. Agora seus filhos ou parentes não quererão mais eliminar os velhos, mas têm interesse em que vivam, para se apoderarem do seu dinheiro da aposentadoria.

Somos forçados a afirmar uma dolorosa verdade: as tribos do Uaupés (ou talvez esta afirmação deveria ser bem mais generalizada?) são impérvias aos sentimentos de amizade e gratidão, mas nem sequer os concebem. E, por isso mes-

mo, são mais dignos de compaixão, não vos parece? Talvez alguns leitores destas páginas preferiam ficar com o conceito Rousseauriano da "bondade natural do índio", haurido em algum romance, ou de um sorriso de uma donzela indígena a aclarar uma fisionomia simpática que um fotógrafo conseguiu para ilustrar uma revista. Mas é o caso de repetir ainda "amicus Plato, magis amica veritas" (estimo a Platão, mas estimo ainda mais a verdade). E de uma convivência com as tribos uaupesianas, vai para 18 anos, estudando-os sob todas as suas facetas, devo informá-los, para surpresa talvez de muitos: entre as várias línguas indígenas do Uaupés não existe (embora erradamente algum missionário o tenha afirmado) os conceitos de amor, gratidão, amizade, etc. Não existe entre eles um termo para dizer amigo. Infelizmente existe o termo "izimlgo", meu inimigo, yöö waxpágö.

## 11. NUTRIDOS OU SUBNUTRIDOS ?

Os grupos silvícolas mais evoluídos da floresta rionegrina são pequenos ajuntamentos humanos que ainda hoje, apesar dos estímulos da civilização, vivem em grande penúria, contando com os eventuais frutos silvestres, nutrientes e saborosos ao paladar indígena e, com alguma exceção, também ao paladar do civilizado, como o açaí, bacaba, pataúá, pupunha, ucuqui, umari, Inajá, japurá (cfr. CIU, i.e. a Civilização Indígena do Uaupés), a cucura, que lembra a uva ou a jabuticaba, e um número grande de pequenos grãos ou sementes ácidas ou picantes que servem para iludir a fome. E muitas vezes chegam ao hospital ou à Missão enfraquecidos e famintos. Essa afirmação parece contraditada pelas estatísticas de centenas de panetros de farinha comprados aos indígenas do Uaupés e vendidos no Rio Negro. Porque este fato regular? É que o indígena vende seus alimentos. Mensalmente os regatões sobem o Uaupés comprando dos indígenas dezenas de panetros de farinha ou de peixe moqueado, alguma caça também moqueada, patos e galinhas vivos, os ovos que recolhem, seus

cachos de bananas, os saborosos abacaxis, para revendê-los no Pelotão Militar de Cucuí, ou aos caboclos, do Rio Negro e, algumas vezes sobram-lhes ainda gêneros para vender em Manaus, onde tais regatões se abastecem. O indígena necessita de dinheiro, e para tê-lo, "vende seu alimento". E para que lhe serve o dinheiro? Para comprar na lancha do regatão um vistoso par de calças de tergal, bem colado ao corpo, uma camisa de tricoline, vestes de seda, pentes-fantasia, relógio, pulseira, rádio portátil, vitrolas, toca-discos, pilhas sobressalentes (e o regatão deve trazer tudo isto se quiser fazer negócio e adquirir fregueses), fazenda de padrões vivos para vestes femininas, sapatos, bem como perfumes, sabonetes, cosméticos, loções para os cabelos, tinturas para as unhas, motor-de-popa (pedido provavelmente por encomenda), gasolina, espingarda, cartuchos, terçado (i.e. facões), apetrechos de pesca. É desnecessária uma elencação mais completa.

## 12. DENSIDADE POPULACIONAL INDIGENA

Quem dentre os mortais, mesmo entre os mais entusiastas defensores dos Indígenas saberia dizer quantos são presentemente os silvícolas brasileiros? Se são apenas aproximadas as estatísticas atuais que nos fornecem estudiosos particulares ou órgãos oficiais, que dizer das informações fabulosas, ao sabor do paladar europeu da época? Lede, a modo de exemplo, o que nos descrevem os Cronistas das Expedições amazônicas, de Francisco Orellana (1451), e de Pedro Teixeira (1637). Falam de índios gigantes, "tendo de altura um palmo a mais que o mais alto cristão, muito brancos, e de cabelos bastos que lhes chegavam até a cintura, com roupas e jóias de ouro", assim Carvajal (Relação de Frei Gaspar de Carvajal, em o "Descobrimento do Rio das Amazonas" — Col. Brasiliana, vol. 203, ed. 1941, pg. 33). E Cristóbal de Acuña refere dos Curiguerês: "segundo informações dos que o tinham visto, e que se ofereciam para levar-nos às suas terras, são gigantes de dezessete palmos de altura"

("Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas", ib. pg. 245).

Há trechos de estupefaciente ingenuidade e credulidade por exemplo, os que se lêem da inverossímil "Lenda das Amazonas", como acertadamente tem sido denominada. Das Amazonas, as belicosas mulheres que traziam "os cabelos soltos até ao chão, e postas na cabeça coroas de ouro de largura de dois dedos", (ib. pag. 67), informa-nos ainda Carvajal: "Estas mulheres são muito alvas e altas, com cabelos muito compridos, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pêlo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcs e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios" (ib. pag. 60). Encontrareis, pelo que tange o número dos índios das margens do Amazonas, cálculos inadmissíveis, e para encarecê-los, Acuña reportará o dito d'outr "homem prático nestes descobrimentos, que navegou o rio e todos os que nele entram até chegar a Quito, marcando a terra e anotando as suas propriedades", isto é, do piloto-mór da armada Bento da Costa: "são tantos e sem número os índios que, se do ar deixassem cair uma agulha, há de dar em cabeça de índio, e não no solo" (ib. pag. 108).

## 13. DIZIMAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA

Em 1956 um surto de Sarampo acometeu as tribos atendidas pelas Missões Salesianas de Taracuí (baixo Uaupés), Fari Cachoeira (rio Tiquié) e Iauareté (médio rio Uaupés). De todos os seus povoados os indígenas procuram os Centros Missionários, porque estão certos que, apesar da sua crença no pajé (em Tukano, Yai) ou Medicine man, os seus ritos mágicos não os salvará, e os próprios pajés se recolhem aos Hospitais Missionários, convictos de aí encontrarem remédios eficientes, toda sorte de assistência, inclusive a alimentação. Especialmente nessa ocasião se achavam em Taracuí dois médicos (um deles cearense, vindo diretamente do Rio de Janeiro, e outro residente em Porto Velho), enviados ambos pelo Minis-



tério da Saúde para fazer seus relatórios sobre a assistência hospitalar das Missões Salesianas. Viram o acúmulo de indígenas doentes, sete ou oito centenas, que o Hospital não podia conter, e o novo prédio em construção, do colégio Ferracino, foi transformado em hospital de emergência. O mesmo espetáculo se via em Iauareté e Pari, com seus dormitórios transformados em enfermarias. E, para contorto dos Missionários Salesianos, nessa ocasião perdeu-se apenas um pequeno escolar de Pari, o qual sob o ardor da febre, conseguiu evadir-se da assistência e banhar a própria camisa com água fria. Mas por contracâmbio calcularam-se em 250 mortos os índios das cabeceiras dos rios Tiquié, Papuri, e afluentes. Se isto se dá em nossos dias, extranhável não é em eras mais remotas. Tantas dessas hecatombes passaram desconhecidas, sobretudo quando não só não havia telégrafos e rádios, mas pouco ou raramente navegados eram esses rios.

Calculos do Governador Gurjao e seus auxiliares no Governo do Para, numa epidemia de varíola teriam perecido 40 mil pessoas (cf. Arthur Cezar Reis — *A conquista espiritual da Amazonia*, pg. 51). Em favor da veracidade desse dado impressionante, na rarefeita população amazônica dessa época, vem uma sua informação: das 900 casas que havia, então, em Belém, em 1750, 400 ficaram sem habitantes. A esses números quantos outros se deveria acrescentar, porque o indígena por toda a sua mentalidade mágica, a sua falta de higiene, é o grande veiculador de doenças, comode epidemias. Parece-nos inverossímil isto? Na supercivilizada S. Paulo, num padrão de recursos e de mentalidade incontratavelmente mais elevado do que os pobres indígenas nus da selva amazônica, quem saberia dizer o número de contágios e de vítimas da famigerada gripe espanhola de 1918?

Não são apenas informações históricas remotas de lut fratricidas dentro da tribo, e de guerras intertribais. São episódios dos nossos dias. Felizmente mais raros, em grande parte devido à interferência dos Missionários. Do extraordinariamente behemérito Missionário Salesiano o Bispo D. João

Marchesi, que fundou e dirigiu em seus inícios os Centros Missionários, de Taracua, Iauareté e Pari-cachocira, pudemos ouvir-lhe dos lábios e gravar na fita magnética) o episódio da sua interferência para a pacificação entre as Tribos Tuyuka e Baré, que já se haviam provisto de espinhardas para se trucidarem reciprocamente. Podemos ainda informar que visitando a bacia colombiana do rio Pirá-paraná, a várias questões nossas sobre Tribos daquela área, em 1954, ouvimos dos velhos indígenas "não existem mais", e por vezes acrescentavam episódios de brigas e mortes, quando exaltados pelas suas bebidas, tomadas invariavelmente como elemento indispensável das suas festas.

Mas dos indígenas do Brasil, quantos sobrevivem em nossos dias? Um número incontável ou insabido. Não são apenas aquelas centenas de milhares aninhadas em vários pontos da selva brasileira, que apelam pelo nosso gesto fraterno de lhes estender a mão para trazê-los ao seio da nossa civilização brasileira e cristã. Bem numerosas são as turmas já integradas ou em via de integração na Pátria Brasileira, muitos deles já qualificados entre os cidadãos eleitores, como pude encontrar entre as Tribos do Uaupés, embora vivam no seu habitat multissecular, ou até já prestaram o serviço militar. Como numerosos foram nos séculos passados, e o são no atual os que por um matrimônio legítimo, cristão, com civilizados, instalam novos lares brasileiros, sementeiras de uma Pátria que auguramos sempre mais culta, progressista e nobre.

Se ignoramos o número dos índios do Brasil de antanho e do hodierno, o que não padece dúvida é que o sangue indígena circula nas veias de milhões de brasileiros da geração atual, misturou-se até ao sangue azul da nobreza colonial e imperial do Brasil, como irriga o fidalguia dos modernos aristocratas da política e das finanças. Não é necessário estudos de Antropologia ou olhos clínicos de Etnógrafos especializados para identificar no fâcies de uma multidão de Brasileiros, entre os quais talvez 4/5 dos Amazonenses, os traços de sua ascen-

dência indígena, de que se não devem enrubecer, e da qual muitos se orgulham.

#### 14. O ÍNDIO TEM O DIREITO DE SER CIVILIZADO

Mercê das nossas tradições cristãs e lusitanas, o Brasil contraditando às tendências de tão desumana quão cientificamente errônea tese de superioridade racista, vai apresentando um exemplo de rápida assimilação racial, entre os estupendos factos de observação sociológica e política brasileira.

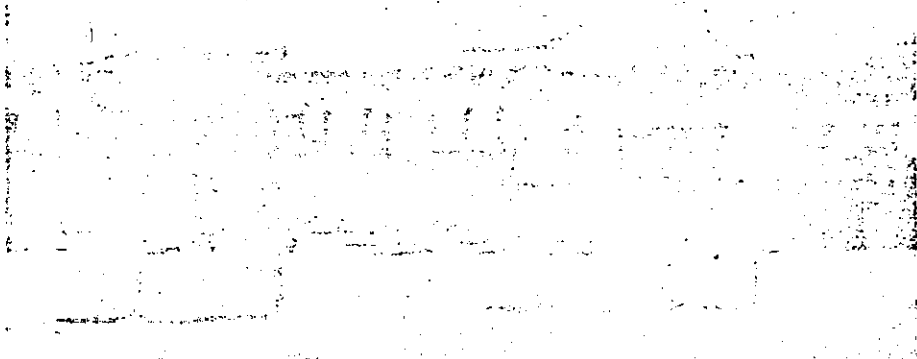
Ao tendencioso slogan "o índio tem o direito de ser índio", opomos, como homens, como cristãos e como brasileiros, o nosso brado: "o índio tem o direito de ser civilizado!". Não é uma política digna desse nome, uma Política Humana, Cristã, Brasileira, encerrar o índio num parque, entregá-lo à sua sorte de pobres ignorantes, privá-lo, sob o pretexto de deixá-lo "reter a sua cultura", privá-lo do banquete da nossa Civilização, permitindo-lhe, no máximo, como aos cães da comparação evangélica, as migalhas que caem da nossa mesa. Na mesa do progresso ele deve ser um conviva como nós: sentar-se ao nosso lado, com os seus e nossos irmãos de todas as raças. Também para os indígenas deve estar aberto o acesso à cultura, a qual, à medida que se multiplicam os intercâmbios culturais, perde suas especificações nacionalistas, regionais, raciais, para se tornar simplesmente Cultura, Patrimônio Internacional, Herança da Humanidade!

Haja também escolas para os Índios, como tive o privilégio de admirar demoradamente nos internatos exclusivamente de indígenas na Missão Salesiana do Rio Negro. Da eficiência dessas escolas missionárias são de indubitável valor o depoimento de militares de alta patente, de cientistas nacionais e estrangeiros, de políticos patricios que visitaram aqueles longínquos rincões da Pátria. Abram-se-lhes as portas da Ciência, em todos os seus graus. Há sempre esperança que, nos silvícolas, os indícios de obtusidade venham a ceder ante o hábito da civilização.

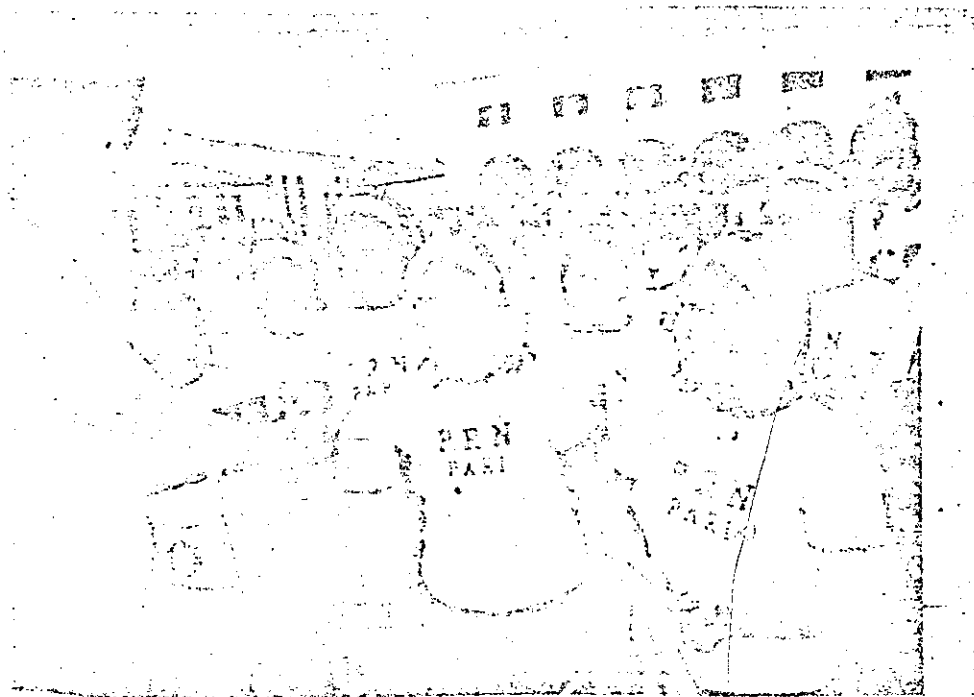
Há dois mil anos vem a Igreja de N. S. Jesus Cristo educando a Humanidade e, em sua sabedoria e experiência duas vezes milenar, tem alcançado da própria grei que evangeliza, tirar os seus futuros educadores, os seus futuros pastores. Ela tem sabido formar, em todas as raças, o seu Clero Indígena. E não apenas modestos padres de campanha, senão Doutores de Universidades e Bispos Diocesanos. No próprio Concistoro Pontifício, o solene Senado do Papa, bem o sabeis tem assento representantes das várias raças, não excluída a negra. Ao lado dos europeus, norte-americanos ou brasileiros assentam-se Cardiais da China, da Índia e da África. Seria tão longo, quanto ocioso demorar-me a enumerar representantes das raças consideradas inferiores, como as das Tribos indígenas da América, ou negras da África, que se projetaram no campo da cultura, a começar por um Garcilaso da la Vega, el Inca, até o Borôro matogrossense, Tiago Marques, por alcunha, o Jaguatirica, ou Aipoboreu. Lembra-me haver ouvido, ainda adolescente, interessante informe sobre uma tentativa do famoso Bispo do Pará, Dom Antônio Macedo Costa, de internar índios paraenses em seu Seminário, e bem se houveram eles nos estudos do Educandário local, como até na Universidade Gregoriana, de Roma.

A melhor defesa que possamos dar aos indígenas, é proporcionar-lhes pela instrução e a educação, os meios de tutelarem eles os seus próprios direitos, equiparados em tudo aos dos Civilizados.

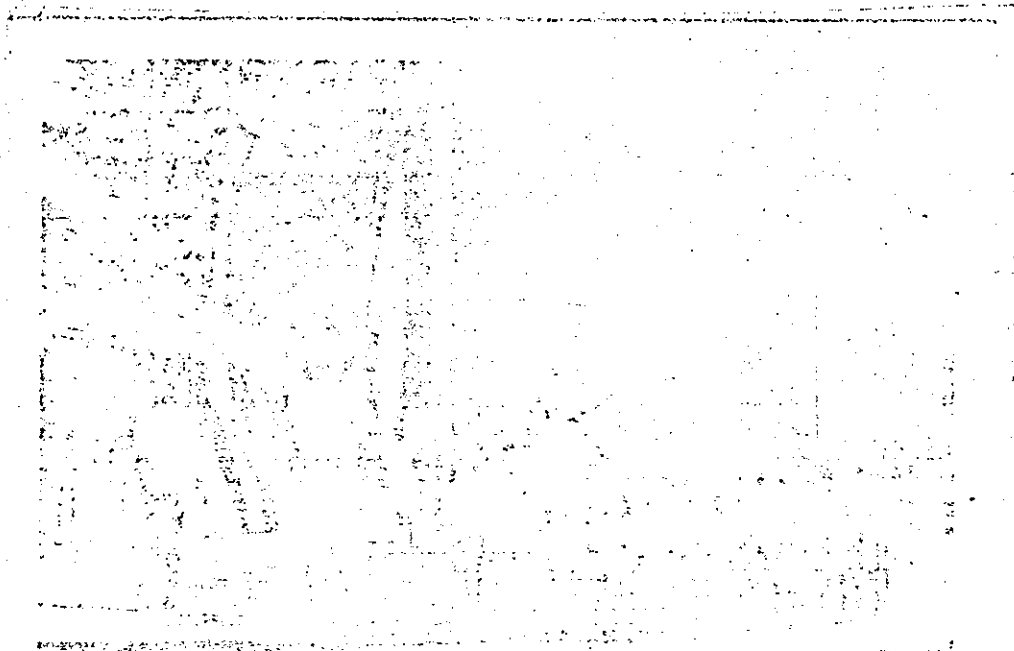
- No. 1 - Missão Indígena Salesiana de IAUARETÉ, na fronteira com a COLÔMBIA, no Rio UAUPÉS, onde estudam cerca de 200 crianças internas, de origem tucana, deçana, unana e outras tribos, cursando da 5a. a 8a. séries do 1o. Grau, incluindo ensino profissionalizante.  
Os Padres Salesianos e as Irmãs de MARIA AUXILIADORA mantêm outros internatos com este na bacia do rio NEGRO, em PARI-CA-CHOEIRA, TARACUÁ, UAUPÉS, ASSUNÇÃO do IÇANA, TAPURUQUARA e BARCELOS.



No. 2 - Alunos de uma das Missões Indígenas Salesianas em festa cívica. Entre eles predomina o espírito de brasilidade e acendrado amor à Pátria brasileira, sentimentos estes que lhes são inculcados profundamente pela educação recebida.



Nº 3 - Alunas de uma das Missões Indígenas Salesianas (PARI-CACHOEIRA), de origem Tucana, em demonstração de cordialidade e simpatia para com visitantes após uma festa cívica e representação artística.



No. 4 — Hasteamento da Bandeira Brasileira num dos povoados indígenas (Serra dos Porcos — índios MAKUS) onde se lecionam para as crianças da 1a. à 4a. séries do 1o. Grau. Os professores são índios aculturados e capacitados, com o que os Salesianos estenderam a educação a quase uma centena de povoados com cerca de 5.000 alunos.